

CDP distingue
empresas
portuguesas PII

Lisboa recebe
7ª edição do
Marketplace PIV



David Gray / Reuters

ENERGIA, CLIMA E CRESCIMENTO ECONÓMICO

Como melhorar a eficiência energética até 2030?

Foi apresentado recentemente o “Meet 2030” – o novo projeto do BCSD que visa antecipar e apoiar a preparação das empresas para as alterações económicas que vão ocorrer até 2030.

Sónia Bexiga
sbexiga@jornaleconomico.pt

O “Meet 2030: Energia, clima e crescimento económico – oportunidades de negócio em Portugal” pretende assim desenvolver cenários para 2030 e identificar potenciais oportunidades e inovações que possam criar vantagens competitivas para as empresas, de forma a promover um crescimento sustentável da economia.

“Será um projeto emblemático para o BCSD porque é, absolutamente, essencial que as empresas pensem estrategicamente sobre como posicionar-se de forma competitiva e sustentável no mercado a médio e longo prazo”, refere António Mexia, presidente da direção do BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável

Portugal e presidente executivo da EDP, na recente apresentação desta iniciativa.

O projeto prevê a realização de um conjunto de workshops,

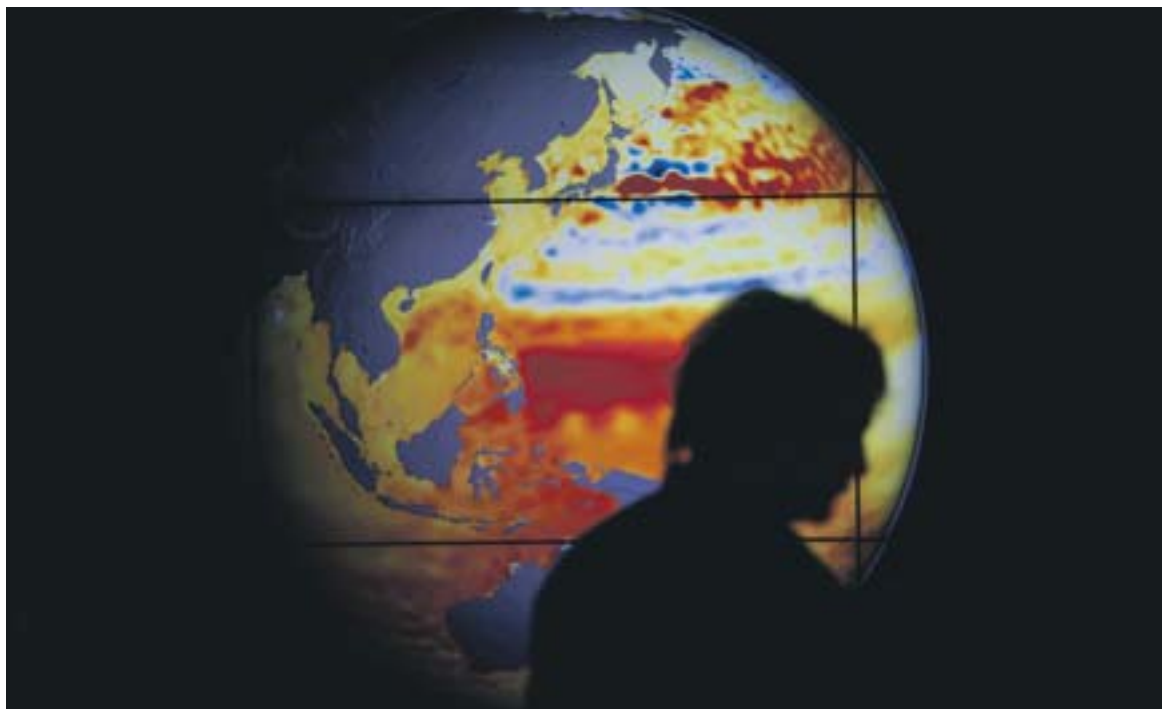
onde as empresas são convidadas a imaginar a economia em 2030 através da reflexão sobre as estratégias empresariais e as incertezas associadas ao crescimento económico, e através da identificação das tecnologias que podem melhorar a eficiência energética em 2030, potenciando assim novos modelos de negócio. Completado com uma forte componente de investigação, o Meet 2030 tem como fim último contribuir para a definição de prioridades estratégicas a nível nacional e internacional

que possam levar a uma alteração fundamentada das políticas públicas.

“Em conjunto, queremos encontrar caminhos para antecipar os desafios que a implementação do Acordo de Paris impõe. Só vamos conseguir diminuir as emissões de CO2 das economias e alcançar uma economia neutra em carbono na segunda metade do século se conhecermos bem a evolução histórica do crescimento económico e se não tivermos receio de sermos disruptivos na forma de fazer negócios. Os da-

dos científicos de que dispomos hoje já são suficientes para tomarmos decisões. É isso que estamos empenhados em fazer no BCSD: aproximar a ciência às empresas e a economia à engenharia”, reforça António Mexia.

Importa ainda reter que este projeto é desenvolvido em parceria com o Instituto Superior Técnico e com as empresas associadas do BCSD, contando ainda com vários outros stakeholders, entre os quais entidades públicas e outras organizações nacionais e internacionais. ■



Stephane Mahe / Reuters

Alterações climáticas: Respostas portuguesas conquistam distinção na Península Ibérica

As ações e estratégia da EDP, Galp, Caixa Geral de Depósitos e da Inapa foram distinguidas pelo CDP e pela Euronext Lisbon.

A EDP – Energias de Portugal e a Galp Energia integram a “Climate A List” do CDP - ranking que inclui as empresas que obtiveram “classificação A” pela implementação de ações para responder às alterações climáticas em 2015 - e foram reconhecidas como “Portuguese Climate Leaders”. A Caixa Geral de Depósitos foi distinguida como “Best Voluntary Responder Portugal” e a Inapa como “Best Newcomer Portugal”.

O CDP é uma organização internacional sem fins lucrativos que providencia um sistema global de medição, reporte e gestão de informação sobre o desempenho ambiental de empresas, cidades, estados e regiões a 827 investidores institucionais que gerem ativos no valor de 100 milhões de milhões de dólares.

A distinção das quatro empresas portuguesas por parte do CDP e da Euronext Lisbon decorreu recentemente, em Lisboa, num evento que teve lugar na Euronext e que também serviu de palco ao lançamento da edição ibérica do “CDP Climate Change Report 2016”, relatório que analisa o reporte das principais empresas portuguesas e espanholas por capitalização bolsista - 40 portuguesas e 85 espa-

nholas – ao nível da gestão de emissões de carbono e das ações e estratégias de resposta às alterações climáticas.

“A base deste relatório usa informação relativa às atividades das empresas antes do Acordo de Paris o que demonstra que, estando muitas já no caminho certo, ainda há uma grande lacuna. Com centenas de empresas a divulgar que antecipam alterações substanciais nos resultados devido ao Acordo de Paris, esperamos assistir, nos próximos anos, a uma alteração para objetivos de longo-prazo e mais baseados na ciência”, explica Paul Simpson, CEO do CDP.

“Com os investidores a tentar reduzir os riscos alterando o rumo dos investimentos para in-

Cerca de 60% das maiores empresas em Portugal e Espanha reduziram a intensidade carbónica em 2016

fraestruturas menos intensivas na utilização de carbono, o foco vai ser mais intenso nas ações corporativas. Ainda há muitas oportunidades por explorar nesta fase de transição”, refortça.

Assim, o relatório ibérico conclui que cerca de 60% das maiores empresas em Portugal e Espanha reduziram a intensidade carbónica das operações em 2016. Contudo, o total de emissões reportado tem vindo a aumentar, pondo fim à tendência global de diminuição das emissões dos anos anteriores. Por outro lado, a maioria continua a investir em renováveis como um meio para reduzir a pegada carbónica, com 78% das portuguesas a reportar investimentos em tecnologias de baixo carbono.

Importa ainda sublinhar que todas as empresas analisadas têm implementadas atividades de redução das emissões de carbono e sobre o preço voluntário de carbono, 40% refere usar este instrumento como facilitador de estratégias de planeamento e contabilização e 15% estão interessadas em usar este instrumento nos próximos dois anos. Por último, cada vez mais, as empresas estão a adotar critérios científicos para estabelecer objetivos de redução de emissões. ■

COMISSÃO EUROPEIA

Projetos ecológicos nacionais também recebem apoio

Comissão investe mais de 220 milhões em projetos nos Estados-membros, através do Programa LIFE, em prol do ambiente e da ação climática.

A Comissão Europeia acaba de aprovar um pacote de investimento de 222,7 milhões de euros financiados pelo orçamento da União Europeia (UE) rumo a uma Europa mais sustentável e com baixas emissões de carbono. O apoio provém do programa LIFE, instrumento financeiro da UE que apoia projetos de conservação ambiental e da natureza.

O financiamento fomentará investimentos adicionais, num total de 398,6 milhões de euros, para aplicação em 144 projetos novos em 23 Estados-Membros.

Neste contexto, Miguel Arias Cañete, comissário responsável pela Ação Climática e a Energia, frisa que “com a entrada em vigor do Acordo de Paris, dentro de poucas semanas, devemos agora concentrar-nos em cumprir as nossas promessas. Estes projetos irão criar as condições adequadas para promover soluções inovadoras e difundir as melhores práticas em matéria de redução de emissões e de adaptação às alterações climáticas na União Europeia. Desta forma, apoiam a implementação do Acordo de Paris ao nível da UE”. Estes projetos ilustram o atual compromisso da Comissão no seu pacote de medidas relativas à economia circular.

No domínio da ação climática, o investimento é de 75,1 milhões de euros. Os projetos selecionados apoiam o objetivo da

UE em reduzir as emissões de gases com efeito de estufa em, pelo menos, 40 % até 2030. Entre os projetos aprovados em 2015, incluem-se, entre outros, a recuperação e o armazenamento de carbono em turfeiras em cinco países da UE (Estónia, Alemanha, Letónia, Lituânia e Polónia).

7,3 milhões para três projetos portugueses

Em Portugal, foram contemplados três projetos, com um financiamento global de 7,3 milhões de euros, os dois primeiros num total de 3,9 milhões nos domínios do Ambiente e Utilização Racional dos Recursos e o último, em 3,4 milhões (Adaptação às Alterações Climáticas).

O projeto “LIFE PAYT”, do Instituto Politécnico de Coimbra, vai criar um sistema “PAYT” (pagar pelo produzido) em Condeixa e Aveiro, Vrilissia (Grécia) e Larnaca (Chipre). Este sistema incentivará as famílias e as empresas no processo da triagem e reciclagem, reduzindo a produção de resíduos e posteriormente, promover a replicação do conceito noutras cidades do Sul da Europa. O projeto utilizará software e hardware para mostrar as quantidades geradas.

O “LIFE Index-Air”, desenvolvido pelo Instituto Superior Técnico, pretende criar um novo instrumento de gestão da qualidade do ar, que permitirá aos responsáveis políticos locais, regionais e nacionais avaliar quantitativamente o impacto das políticas sobre os níveis de exposição humana às partículas.

O instrumento será aplicado em algumas cidades da UE e a ferramenta será desenvolvida utilizando dados das cidades de Lisboa, Porto, Atenas, Veneza e Kuopio.

O último projeto é o “LIFE-MONTADO-ADAPT”, da autoria da Associação de Defesa do Património de Mértola que pretende enriquecer os sistemas de gestão nos ecossistemas do Montado (Portugal) e de “Dehesa” (Espanha), através da utilização de novas ferramentas e tecnologias inovadoras de adaptação. Estas serão articuladas com as comunidades locais/ produtos locais, ecosserviços e à biodiversidade. ■

O ex-membro do Parlamento Europeu, o neerlandês Hemmo Muntingh, é considerado o “pai” do programa LIFE



Pilar Olivares / Reuters

DOW JONES SUSTAINABILITY INDEX

Santander entre os 10 primeiros bancos do mundo

O banco acaba de renovar a presença no índice internacional de referência que mede o comportamento sustentável das empresas.

Com 92 pontos (em 100), mais oito pontos do que em 2015, o Santander está presente há 16 anos nos índices Dow Jones Sustainability Index (DJSI) World e DJSI Europe e está posicionado como uma das melhores instituições financeiras do mundo pela sua gestão sustentável. Na sua revisão de 2016, mais de 193 instituições financeiras foram convidadas pela RobecoSAM, agência de classificação do DJSI, a participar no processo de avaliação, das quais 27 conseguiram fazer parte deste índice.

Com uma avaliação total de 92 pontos em 100, o banco é reconhecido como um dos 10 bancos melhor avaliados do mundo e o primeiro em Espanha pelo seu desempenho sustentável, a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade nos mercados onde está presente e pela sua proteção do ambiente.

As políticas corporativas sociais e ambientais, a qualidade do serviço, a atração e a retenção do talento, os programas de apoio à

sociedade, o compromisso com o meio ambiente e a gestão dos riscos e oportunidades em matéria de alterações climáticas são aspetos destacados pelo DJSI.

O banco Santander tem como missão principal contribuir para o desenvolvimento económico e social das pessoas e das empresas de forma responsável e sustentável. O investimento no ensino superior, através do Santander Universidades, é o traço de identidade do compromisso do Banco com a sociedade. Em Portugal, o Santander Totta mantém uma relação de proximidade com as universidades e politécnicos portugueses, com cerca de 50 protocolos e a entrega anual de 900 bolsas e prémios de estudo, que fazem do banco um parceiro de referência das instituições de ensino superior nacional. Para além do compromisso com o ensino superior, orienta a sua atuação para a comunidade na qual está presente através de apoios e donativos a várias instituições do terceiro setor e da participação de colaboradores voluntários em diferentes iniciativas ao longo do ano. Também na gestão ambiental o Santander Totta realiza uma medição continuada da sua pegada de carbono, através da monitorização dos consumos energéticos e emissões de gases com efeitos de estufa associados à sua atividade.

O investimento na eficiência energética tem sido uma aposta muito forte do Banco nos últimos anos com vista à redução dos consumos energéticos e respetivas emissões, nos edifícios centrais e nos balcões. ■

O DJSI, índice internacional de referência, mede o comportamento sustentável das empresas nas dimensões económica, ambiental e social

INCLUSÃO

Epis promove programa no combate ao insucesso escolar

A Epis - Empresários pela Inclusão Social, associação criada por empresários e gestores portugueses, vai estender a outras localidades do nosso país o seu programa de combate ao abandono e insucesso escolar. Para tal, acaba de apresentar o novo modelo de sinalização e resgate dirigido aos alunos com dificuldades de aprendizagem logo no 1.º ciclo de escolaridade.

Este programa de intervenção vai acompanhar 1300 crianças, dos seis aos 10 anos, em 84 turmas espalhadas por 47 escolas do Ensino público. O modelo foi desenvolvido em parceria com autarquias e empresas, tendo como foco principal o combate à elevada taxa de retenção, que em Portugal, ultrapassa 9% no 2.º ano. Em 2015/16, cerca de nove mil crianças de sete anos reprovaram nesse ano de escolaridade.

Há três anos, a Epis iniciou um projeto-piloto que é agora alargado a Constância, Oliveira do Bairro, Serpa e Vila Nova de Poiares.

Segundo esclarece a Epis, este programa assenta em dois pilares. O primeiro, é um rastreio de dificuldades e riscos nas crianças de seis anos. É realizada uma avaliação neuro psicológica; análise cognitiva; verificação do padrão do sono e avaliação de comportamento e autonomia.

O segundo, utiliza um modelo de potenciação do conhecimento e das competências dos



Charles Platiau / Reuters

alunos do 1.º ao 4.º ano, feita pelo professor titular do 1.º ciclo e pelos pais. A intervenção é feita na escola e em contexto familiar de forma a resolver os problemas que poderão comprometer o rendimento escolar.

“O que se pretende é que os alunos passem sempre de ano no 1.º ciclo e cumpram com sucesso os 12 anos de escolaridade. São precisamente os alunos retidos ou que passam com dificuldade nos primeiros anos que, poste-

riormente, alimentam as fileiras do insucesso escolar a partir dos 10 anos”, elucida António Vitorino, presidente da EPIS.

Neste ano letivo, a EPIS chega a cerca de 11 mil alunos, sendo que, no último ano, o sucesso escolar dos alunos EPIS 2.º e 3.º ciclo aumentou 10,9 p.p., de 71,5% em 2014/15 para 82,4% em 2015/16. A EPIS deu ainda nota de que pretende investir 5,9 milhões de euros nos seus programas no decorrer deste ano”. ■

BREVES

Liberty entrega prémio solidário ao GECCP

No âmbito da recente 13ª Maratona do Porto, que decorreu também em Matosinhos e Vila Nova de Gaia, a Liberty Seguros promoveu o desafio “Recorde Solidário”, o qual foi ultrapassado pela atleta queniana Loice Kiptoo, em 2:29:13 horas. Assim, o prémio solidário, de 10 mil euros, viria a ser dividido, em partes iguais, entre a atleta e o Grupo de Estudos de Cancro da Cabeça e Pescoço (GECCP). Para este grupo, o valor será utilizado na investigação do cancro da cabeça e pescoço, o sétimo mais comum em todo o mundo.

LeasePlan apresenta solução de Telemática

A LeasePlan acaba de lançar uma solução própria de telemática, a “LeasePlan Telematics”, disponível em duas modalidades: “Telematics Basic” e “Telematics Plus”. Através

destas soluções, as empresas poderão acompanhar o desempenho da frota, com métricas e relatórios detalhados, para uma gestão mais eficiente e uma condução mais consciente. Recorrendo a um dispositivo instalado em cada veículo, a “LeasePlan Telematics” vai recolher e analisar os dados relacionados com a atividade da frota. Os dados são convertidos em indicadores de gestão e disponibilizados através de uma plataforma online, que pode ser consultada no PC ou smartphone.

Benetton apoia Emancipação da Mulher

Ao abrigo do Programa de Emancipação da Mulher (WE na sigla em inglês), a Benetton acaba de lançar dois projetos, com a duração de dois anos, destinados a proporcionar melhores condições de vida às mulheres que trabalham em casa ou no

setor do vestuário pronto-a-vestir, no Bangladesh e no Paquistão. O programa WE foi apresentado em outubro de 2015 e faz parte da estratégia do Grupo que assenta nos objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pela ONU para 2020: igualdade de género e emancipação da mulher.

“Compre um peixe, salve uma árvore!”

O Oceanário de Lisboa financia, pela segunda vez, o projeto PIABA, focado na conservação das florestas tropicais da Amazônia, Brasil, promovendo a sustentabilidade ambiental e social na captura e comercialização de peixes ornamentais. Importa sublinhar que 80% da comunidade ribeirinha vive do rendimento desta atividade local, que gera anualmente, entre quatro e cinco milhões de dólares. Sobre este tema, pode visitar a exposição “Florestas Submersas by Takashi Amano”, no Oceanário de Lisboa.



Carlos Porfírio

OPINIÃO

O stakeholder acionista e a RSE



Marta Lopes
marta.lopes@ulusofona.pt

Felizmente que a relação dos acionistas com a RSE tem mudado ao longo do tempo. Fruto das transformações da sociedade mas, acima de tudo, impulsionada pelo aparecimento de fundos financeiros que apostam em empresas com elevado nível de RSE. Alguns acionistas optam por investimentos rentáveis e socialmente responsáveis porque existe a perceção que estas empresas são mais atrativas, defendem-se melhor de ataques externos e têm mais facilidade em criar valor.

Quaisquer que sejam os argumentos, a verdade é que os gestores de hoje integram muitos stakeholders para além dos acionistas. Enquanto a RSE for considerada um custo, não terá o seu apoio; quando for integrada como um investimento que beneficia todos conquistará novos adeptos e, quiçá, futuros defensores destas práticas. ■

MERCADO SOCIAL

Lisboa recebe a sétima edição do Marketplace

Estão abertas as inscrições para o único mercado social de Portugal que junta empresas e instituições sociais no mesmo local.

O Marketplace, evento de carácter social, decorrerá em Lisboa no dia 23 de novembro, entre as 14 e as 17 horas, e conta com a respetiva Câmara Municipal (já que o evento decorrerá em Lisboa, Oeiras e no Porto) como parceiro oficial.

O objetivo do Marketplace passa pela realização de “matches” entre empresas e instituições do setor social que não envolvam a troca de dinheiro. Este conceito, criado na Holanda em 1996, consiste na troca sem a ocorrência de transações financeiras entre as partes envolvidas, de forma a ser estimulado o interesse e a ser promovida a procura de parceiros estratégicos em diferentes áreas.

Nesta 7ª edição, a organização do Marketplace estima receber centenas de pessoas, reforçando assim a responsabilidade

social na comunidade e no tecido empresarial.

No momento de inscrição, que pode ser feita no site do Marketplace Portugal, as empresas (de todas as dimensões) poderão selecionar os bens e serviços que pretendem disponibilizar às instituições. Por seu lado, as instituições deverão selecionar quais as áreas das suas necessidades, para que seja feito o

As inscrições são feitas no site do evento. O registo é gratuito e pode escolher a cidade em que pretende participar

“match”. As categorias de oferta e de procura são a “Organização e Assessoria” (financeira, jurídica, administrativa ou engenharia); “Marketing & Comunicação”; “Voluntariado”; e “Bens, Materiais e Instalações”.

“Este modelo de evento de carácter social tem alcançado um enorme sucesso um pouco por toda a Europa”, explica Natasha von Mühlen, diretora da FIX Social Engagement, empresa de gestão de programas de responsabilidade social empresarial.

“A formalização de 577 parcerias nas três edições anteriores veio confirmar não só a validade do modelo, mas também a aptidão e vontade de empresas e instituições realizarem trabalho conjunto. Com esta 3ª edição em Lisboa, pretendemos ultrapassar um impacto social de um milhão de euros”, reforça ainda. ■

Bridgestone apoia causa social em África

A Bridgestone, empresa fabricante de pneus e borracha que opera em mais de 60 países, associou-se à iniciativa “Rituais de Passagem”, uma viagem à descoberta do continente africano, organizada pela Revista 4x4.

Esta aventura já teve início no passado dia 24 de outubro, em Lisboa, e tem como destino uma escola em Maputo, Moçambique, onde serão entregues diversos materiais escolares, roupas e sapatos. Até lá, dois jornalistas irão percorrer mais de 22

mil km a bordo de uma pick-up e atravessar mais de vinte fronteiras até chegarem a Maputo, no dia 10 de dezembro.

Enquadrada naquela que é a sua política de Responsabilidade Social Corporativa, a Bridgestone contribuiu para esta iniciativa social organizando uma recolha de materiais escolares, roupas e sapatos junto dos colaboradores, para além de ajudar a suportar os custos da viagem.

“Para além do desafio que é fornecer pneus que estejam pre-

parados para enfrentar terrenos tão difíceis e díspares como aqueles que podemos encontrar em África, quisemos alargar o nosso contributo a esta causa tão nobre a outros níveis”, salienta André Bettencourt, diretor de Marketing da Bridgestone Portugal.

A Bridgestone disponibiliza na sua página oficial do Facebook, ao longo das próximas semanas, os diários de todas as etapas desta viagem por terras africanas. ■

Stakeholder é qualquer indivíduo ou grupo que pode afetar a obtenção dos objetivos organizacionais ou que é afetado pelo processo de busca desses objetivos. Nesta perspectiva, os gestores devem preocupar-se com todos estes grupos e não apenas com os acionistas